

ANA ROSA KUCINSKI

WILSON SILVA

(1942 — )

Ana Rosa e Wilson teriam hoje apenas 38 anos de idade. Tinham 32, quando desapareceram, no dia 22 de abril de 1974, e apenas 4 anos de casados. Viviam, então, um profundo momento de amor, e um compromisso com a luta que se travava contra o regime ditatorial, que se revelaria fatal.

Seus nomes fazem parte, hoje, da lista do Comitê Brasileiro pela Anistia, ao lado de dezenas de outros ativistas políticos que desapareceram nos subterrâneos da repressão. Enquanto o destino dessas vidas não for esclarecido e as culpas justificadas, nada garante que tais fatos não se repetirão.

Tirar uma vida, diz a sabedoria hasídica, é o mesmo que tirar milhares de vidas, pois desaparecem também os filhos que nasceriam daqueles que morreram, e os filhos desses filhos, e assim por diante, até o fim dos tempos. (Bernardo, pela família).

“Quando, às vezes, fazendo concessões ao sofrimento e tocando em feridas que sangrarão para sempre, me transporto aos anos de 1960-67, vejo-me na casa de Ana Rosa ouvindo e fazendo confidências ao som de uma música clássica. Então, ao lado da amiga-irmã, vivo momentos de intensa poesia. Não que Ana escrevesse versos; sua maneira de ser era em poema.

Lembro-me que o curso que fazíamos exigia de cada um de nós dedicação exclusiva, mas Ana sempre forçou e deixou um espaço para cultivar a música, a literatura e os humanistas. Foi das poucas pessoas que jamais se deixou seduzir pela vida cômoda que poderia ter usufruindo com um diploma de química, que nos proporcionava amplo mercado de trabalho. Ana Rosa era das poucas pessoas que carregava o peso do mundo. Por isso buscava, ansiosamente, o Amor e a Justiça.

Na busca do Amor tantas vezes caiu e tantas vezes levantou, sem que jamais lhe ocorresse curvar-se perante amor pequeno, porém mais cômodo.

Na busca da Justiça desconheço os caminhos que possa ter trilhado, mas imagino que foram profundamente penosos.

Cada vez que recebo informações sobre o sofrimento daqueles que foram vítimas dos nossos Órgãos de Segurança lembro-me dela e consigo vê-la portando-se com grande dignidade, porque jamais teve medo da morte e do sofrimento.

Buscou e viveu com tal intensidade o Absoluto que quando partiu já era idosa. E se lhe fosse permitido voltar, ela recomeçaria tudo de novo, da mesma forma”. (Ignez)

“Queria fazer um agradecimento especial a Ana Rosa Kucinski, responsável direta pelo processo de separação química do Índio, trabalho que custou cerca de 1 ano de pesquisas e ao qual ela se entregou inteiramente até conseguir o resultado final.

Ana Rosa deveria ainda ajudar-nos no projeto inicial desse trabalho que era um estudo de reações fotoalfas em vários elementos, a maioria exigindo processos de separação química.

“Numa manhã de trabalho habitual, Ana Rosa não apareceu. Procurada não a encontramos. Continuava não aparecendo, continuávamos a procura-la e não a encontrávamos. Nada mais normal que comunicar então o fato às autoridades e aguardar a versão oficial. Daqui para frente é difícil continuar a história. Não houve versão oficial que nos deixasse tranquilos, muito pelo contrário, ficamos mais intranquilos ainda.

Ana Rosa continua desaparecida. Quem sabe um dia, pelos menos seu corpo aparece para a última homenagem dos seus pais, irmãos e amigos”. (Da introdução à tese de mestrado de Engles Anastacio Finotti, sobre os estados isoméricos do Índio, apresentado ao Instituto de Física da USP, em 1979).